

## JURISTA, MÚSICO E COMPOSITOR (\*)

Wagner Antônio Pimenta (\*\*)

Em 1972, quando foi publicado o livro de crônicas **Mais dia, menos dia**, de **Carlos Coqueijo**, o também baiano Jorge Amado, no prefácio, afirmou a existência de homens que, detentores de todas as possibilidades de sucesso nacional, preferiam limitar-se a uma região, impulsionando-a pela realização de obra fundamental. E eis aí "esse numeroso **Coqueijo**, admirável de entusiasmo, pleno de paixão pela cultura e pela gente de sua terra, sua cidade, seu espaço de criação mais vital", ainda no dizer do escritor de **Bahia de Todos os Santos**, segundo o qual "são muitos os **Carlos Coqueijo Costa** reunidos num cidadão admirável, num poeta de comovido estro".

Jurista, músico e compositor, homem de letras e teatro, professor emérito, esse múltiplo **Coqueijo** não pôde por mais tempo limitar-se à Bahia. Astro de luz própria e muito forte, de fulguração sem entraves, foi chamado para o cenário nacional, como Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, de que foi Presidente. Logo, obteve renome internacional, tornando-se membro do Tribunal Administrativo da Organização dos Estados Americanos, da **Societé International de Droit du Travail et de la Securité Social** e da **Asociación Iberoamericana de Derecho del Trabajo**.

Do valor das obras de **Coqueijo Costa**, acima da amizade dos prefácios, da justeza da crítica e dos prêmios recebidos, fala o calor da acolhida a elas dadas por estudantes, professores, advogados, juizes e cultores do Direito.

Nestes últimos dias, reli com saudade madrasta, dedicatórias de livros e cartões que acompanhavam lembranças que ele e sua Aydlil — "doçura de viver" — traziam de viagens, escritos com espírito e bom humor. O cartão do presente do último Natal, aconselhando, nestes tempos de força, enforcamento com gravata italiana.

Na época do Natal, ele escreveu, em 1965: "Reparem que foi num menino que Deus se encarnou para nos redimir. Atentem que foi na pobreza que ele viveu nessa dura missão". Analisando o espírito natalino, acrescentou: "Tentem, sobretudo, amar as crianças. Dêem-lhes tempo de lazer e tempo de comer. Dêem-lhes hospitais para não doer e escolas para aprender. Deixem intocada a túnica de sua inocência". E concluiu: "Natal é amor. Amor de menino".

Reli algumas outras crônicas, que mostram muito do homem que ele foi — alma grega do Século de Ouro —, de visão universal, superando espaço e tempo, sabedoria anciã, pureza de olhos de menino, descobrindo que "céu é de todos

---

(\*) Discurso proferido na sessão do TST, em homenagem à memória do Ministro Coqueijo Costa.

(\*\*) Na ocasião, Procurador-Geral da Justiça do Trabalho.

os pássaros". Menino nascido em Noites de Reis, que foi morar na Rua da Alegria, perto da Associação Atlética da Bahia, que Coqueijo — embuçados os primeiros pêlos da barba — ganhou do pai o direito de freqüentar, depois de aprovado no vestibular, como "sócio adulto prá valer festa de noite, voltar prá casa de madrugada" e sair em grupo grande de Índios, no Carnaval. Dessa Associação, de tanto lhe dar consultas sobre direitos e obrigações, Coqueijo acabou presidente, exultando com as festas de inaugurações e sentindo úlcera de preocupação, "como aquela do rachamento do fundo da piscina, que quase me mata de susto, medo e dor, sei lá! — registrou ele. E consigna também o drama do escritor, já por muitos dissecado. O homem perplexo, frente à folha em branco, que gerou o célebre louco no **Céu em fogo**, de Mário de Sá-Carneiro. O escritor e sua máquina e o mundo todo esperando a solução mágica, na mistura de letras que voarão céus, terras, oceanos, para dizer... "dizer que alguém quer dizer alguma coisa a alguém". As palavras, então. Soltas, não são perigosas. "Mas combinam-se de mil maneiras e ferem ou saram, bradam ou são uma mensagem do mais puro silêncio de amor".

Um homem preocupado com os graves problemas do mundo, sobre eles revelando a visão mais límpida, mas também sempre voltado para a face poética do universo, o amor, as crianças, as cores do crepúsculo, as aves do céu, como aquele piedosíssimo São Francisco de Assis, de que Coqueijo era devoto. "Se alguém chora baixinho — é passarinho. Quem ama de mansinho, com a paz de claustro, a quietude de paredes conventuais, a unção de hora de Ave-Maria — é passarinho".

Múltiplo **Coqueijo**, plurifacetado astro, espargindo luz para os confins. De um lado, o escritor tecendo sua obra, o jurista, o juiz, o gigante dissecando processos e textos legais, com mãos ferrenhas e olhar arguto, a inteligência fulgurante e a palavra de prontidão de raio. De outro, o menino-passarinho da Rua da Alegria, com vontade de voar. Quem o imaginará calado? "Não eu, que o sei Orfeu".

A angústia existencial permeava a alma metafísica do humanista: "Não posso compor uma canção, não sei onde encontrar o que procuro, que é pouco e é branco como a paz". Vinham-lhe também os lances de desânimo, em que "melhor seria rezar uma oração, feita da solidão dos desgraçados, a quem falta a razão maior da vida, que é o amor". **Coqueijo** revoltava-se diante da miséria humana: "Sucede que me canso de ser homem. Não quero para mim tantas desgraças. Há passos de sangue quente em direção à noite", mas ilumina-se o momentâneo desalento, pela crença de que viver é preciso e viver bem, para concluir em nós, como obra nossa, o ser que Deus começou e lançou em experiência no mundo, por período incerto. A Ele um dia voltaremos, cumprida a peregrinação, e, curiosamente, nas mãos estendidas para o Pai, conduziremos apenas aquilo que houvermos dado. O que deixamos é o que levamos, pesa o de que nos despojamos, o que de nós fica nas obras eternamente nos acompanha.

E agora, **Coqueijo**? É preciso lembrar aquela velha canção. Qual? Aquela primeira canção que os lábios quase não conseguiam trautear, trêmulos de amor.

Ou... ou talvez aquela última canção sublime dos olhos que pela última vez se cerram, eternizando a última imagem dos seres amados. Agora, aperte-me as mãos Aydil, aperte-me as mãos com força, Aydil, que é a Hora e eu subo.

Ah! a alma é leve, o céu diáfano, a luz cada vez mais pura! A alma é um falcão de ouro que se arroja para Deus! Quanto brilho na imortalidade!

**Coqueijo** amigo das tertúlias literárias, amigo das caminhadas, nós que aqui esperamos nossa hora caminharemos sozinhos e mudos. **Miserere nostri, Domine, miserere nostri**, que suportamos mais essa perda. Mas logo enxugaremos a tristeza e habitará nossos olhos o brilho do olhar de um menino que um dia foi morar na Rua da Alegria. Afinal, viver é preciso, é necessário continuar para nos completarmos.

Agora, **Coqueijo**, já podes compor a maior de tuas canções, agora já sabes onde encontrar o que procuravas, "que é pouco e é branco como a paz", e teu coração descansará na mão de Deus, na Sua mão direita, enquanto rolam na esteira dos astros os infinitos milênios da Eternidade.